



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V

JÉSSICA ALVES GUIMARÃES COSTA

A EXPANSÃO DE BAIROS PERIFÉRICOS: o exemplo do bairro Cajueiro em Santo
Antônio de Jesus - Bahia

SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA
SETEMBRO/2015

JÉSSICA ALVES GUIMARÃES COSTA

A EXPANSÃO DE BAIROS PERIFÉRICOS: o exemplo do bairro Cajueiro em Santo
Antônio de Jesus - Bahia

Trabalho de Conclusão de Curso orientado
pelo Prof^o Dr. James Amorim Araújo como
requisito final a graduação em Licenciatura em
Geografia.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS-BA
SETEMBRO/2015

AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa concluída! Esta é a certeza de que a caminhada é longa e que uma nova jornada se inicia. Apesar de ter passado quase cinco anos de minha vida na UNEB, ainda sim, parece que foi ontem que passei no vestibular e comecei a frequentar timidamente as aulas. O tempo passa e o que nos resta é sempre a certeza de ter aproveitado ou não os momentos que vivenciamos. E disso tenho certeza: aproveitei ao máximo a minha passagem por esta universidade.

Hoje, tenho muito a agradecer. E o que seria de mim sem reconhecer o importante papel das pessoas que conheci nesse maravilhoso universo do conhecimento e também daquelas que sempre estiveram ao meu lado independente da fase ou etapa em que estivesse passando?

GRATIDÃO! Uma palavrinha simples, mas que carrega consigo a essência um grande significado. Mais que isso, ela traz consigo uma lei da natureza e como já dizia um antigo sábio “Quando nos tornamos gratos, recebemos mais, porém quando expressamos nossa gratidão, recebemos ainda mais”. Ao agradecermos estamos também atraindo coisas boas para perto de nós. E é assim que devemos ser: gratos sempre, gratos por tudo.

Nessa ocasião, gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por ter me concedido a oportunidade de ingressar em uma universidade e assim poder ter vivenciado experiências maravilhosas e importantes para o meu crescimento tanto pessoal quanto profissional.

Aos meus pais Edeci e Walter que sempre foram meus maiores exemplos de honestidade e persistência. Sempre estiveram ao meu lado, orientando, incentivando e, nos momentos de maiores aflições, me acolhendo com todo amor e carinho. A eles devo tudo que sou hoje.

A minha irmã Belzair, que sempre esteve ao meu lado. Sempre me incentivou a buscar os meus sonhos com determinação e obedecendo meu tempo. Mesmo na distância, perdia horas e horas ouvindo pacientemente as minhas crises de ansiedade e angústias, sempre arrumando uma forma de deixar claro que tudo ia ficar bem. Sem ela, possivelmente, não chegaria onde estou.

Agradeço também aos meus colegas da turma 2010.1, que proporcionaram grandes vivências e aprendizados. Em especial, as minhas queridas Iêda, Islane, Jamile e Laíse Milena, que comigo formavam o “quinteto fantástico” e também ao amigo querido Mateus.

Cada um tem um espaço reservado no meu coração. Tenham certeza que levarei vocês sempre comigo e lembrarei com carinho e saudade de todos os momentos que passamos juntos. Momentos estes não apenas de glória, felizes, de risadas, mais também de tensão e tristeza. Vocês fizeram com que este período fosse maravilhoso!

A querida amiga Samara. Pessoa maravilhosa que tive o prazer de conhecer através da universidade e que hoje faz parte da minha vida. Acompanhou de perto a confecção deste trabalho, lendo, opinando, e inclusive aplicando comigo os questionários e entrevistas. Devo dizer que sem ela esta pesquisa não teria sido concluída. Obrigada de coração pelo incentivo e apoio.

Ao meu orientador professor Dr. James Amorim Araújo, pela paciência e por acreditar que este tema poderia ser desenvolvido. Fico muito grata pela atenção, por sempre me estimular a buscar as melhores formas de realizar este trabalho, ampliando meus horizontes como pesquisadora. Sinto-me muito honrada por ter sido sua orientanda e poder desfrutar um pouco do seu vasto conhecimento.

Estendo meus agradecimentos aos professores Hanilton Ribeiro de Souza e Miguel Cerqueira dos Santos, que me acompanharam em alguns momentos ao longo do curso e me deram a honra de aceitar fazer parte da banca examinadora desta monografia.

Sou muito grata também aos moradores do bairro Cajueiro que ao longo das minhas várias visitas sempre estiveram muito dispostos a me ajudar, respondendo os questionários e as entrevistas. Agradeço também ao Srº Raimundo, funcionário da Secretaria de Infraestrutura do município de Santo Antônio de Jesus, que se mostrou muito disponível em ajudar na pesquisa cedendo as informações sobre o bairro, frente a grande dificuldade de materiais disponíveis sobre o tema.

Gostaria de agradecer também a todos os funcionários da UNEB, que nestes quase cinco anos, sempre estiveram prontos para nos ajudar no que fosse necessário.

Por fim, sou muito grata a equipe maravilhosa de professores que me acompanhou nesta etapa, transmitindo conhecimento e também dando puxões de orelha quando necessário. Todas as ideias, discussões, debates, palestras, sugestões de leituras, possibilitaram não apenas o desenvolvimento desta pesquisa, mais também, a aquisição de conhecimentos que, sem dúvida, farão a diferença na minha vida profissional.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes” (Marthin Luther King).

RESUMO

A intensificação do processo de urbanização é algo que vem modificando não apenas as grandes cidades, mais também as de médio e pequeno porte. A mudança nas formas de expansão urbana é uma das principais consequências deste processo quando relacionado às pequenas e médias cidades. Ela vem acompanhada de uma série de outras mudanças ligadas as dinâmicas econômica, política e social das cidades em questão. Neste sentido, o presente trabalho parte do seguinte questionamento: De que forma a expansão do bairro Cajueiro, em Santo Antônio de Jesus poderá influenciar na vida dos moradores dessa localidade e na relação centro-periferia já existente? Como objetivo, buscamos compreender de que forma a expansão do bairro Cajueiro em Santo Antônio de Jesus, Bahia, poderá influenciar na vida dos moradores dessa localidade e na relação centro periferia já existente. Para elucidar a problemática descrita acima, primeiramente foi feito um levantamento bibliográfico sobre o tema. Em seguida, fizemos um levantamento de informações mais específicas sobre o bairro em instituições como Prefeitura Municipal, Secretaria de Infraestrutura, Cartórios e Biblioteca Municipal. Em seguida, partimos para a aplicação de entrevistas e questionários, a fim de acompanhar de perto os objetivos específicos definidos nesta pesquisa. Neste momento também foram feitas duas outras etapas importantes deste trabalho: a observação *in lócus* e o levantamento fotográfico. Por fim, fizemos a tabulação e análise dos dados colhidos em campo. Percebemos através deste trabalho que o crescimento do bairro Cajueiro foi positivo para a maioria dos moradores desta localidade, apesar das melhorias relacionadas a infraestrutura do bairro não alcançarem todas as ruas. Também foi possível perceber que a relação da população com o centro da cidade é ainda muito intensa, apesar da grande quantidade de estabelecimentos comerciais e de serviços existentes no bairro.

Palavras – chave: urbanização. expansão de bairros periféricos. espraiamento. bairro Cajueiro. subcentros.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa de SAJ/BA, destacando o bairro Cajueiro.....	12
Figura 2 -	Mapa do bairro Cajueiro, destacando a área de aplicação dos questionários.....	14
Figura 3 -	SESC – SAJ/BA.....	35
Figura 4 -	UFRB – SAJ/BA.....	36
Figura 5 -	Casas comerciais no bairro Cajueiro.....	36
Figura 6 -	Prédios com apartamentos destinados a aluguel no bairro Cajueiro.....	37
Figura 7 -	Construção do IFBA-SAJ (construção em andamento).....	38
Figura 8 -	Praça Padre Mateus – Centro comercial de Santo Antônio de Jesus.....	40
Figura 9 -	Condomínio em construção no bairro Cajueiro.....	41
Figura 10 -	Grande condomínio sendo construído no bairro Cajueiro.....	41
Figura 11 -	Placas anunciando vendas e trocas de lotes.....	42
Figura 12 -	Condomínio registrado em 2010 no bairro Cajueiro.....	42
Figura 13 -	Frequência em que os moradores do bairro Cajueiro vão ao centro.....	45
Figura 14 -	Relação dos moradores do bairro Cajueiro com o centro da cidade.....	45
Figura 15 -	Atividades mais utilizadas pelos moradores no próprio bairro.....	46
Figura 16 -	Motivos que levam os moradores a comprar no próprio bairro.....	47
Figura 17 -	Opinião dos moradores acerca das transformações ocorridas no bairro.....	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Loteamentos existentes no bairro Cajueiro – SAJ/BA.....	34
Tabela 2 - Instituições existentes no bairro Cajueiro – SAJ/BA.....	35
Tabela 3 - Loteamentos mais recentes do bairro Cajueiro.....	40
Tabela 4 - Estabelecimentos comerciais existentes no bairro Cajueiro.....	44

LISTA DE SIGLAS

IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFRB	-	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
IFBA	-	Instituto Federal da Bahia
SESC	-	Serviço Social do Comércio
CEPAL	-	Comissão Econômica para a América Latina e Caribe
EDBA	-	Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	A CENTRALIDADE URBANA: DISCUSSÕES PRELIMINARES.....	16
2.1	O CENTRO.....	18
2.2	A PERIFERIA.....	19
2.3	A RELAÇÃO CENTRO-PERIFERIA.....	21
2.4	O ESPRAIAMENTO: O MODELO DE EXPANSÃO URBANA VIGENTE EM SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA	24
3	A EXPANSÃO DO BAIRRO CAJUEIRO: DO CONTEXTO HISTÓRICO A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL ATUAL.....	28
3.1	O CONTEXTO HISTÓRICO DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA.....	28
3.2	A FORMAÇÃO DO BAIRRO CAJUEIRO E SUA CONFIGURAÇÃO ATUAL	32
4	O BAIRRO CAJUEIRO E A RELAÇÃO CENTRO – PERIFERIA.....	39
4.1	A CENTRALIZAÇÃO DO BAIRRO CAJUEIRO.....	39
4.2	DEPENDÊNCIA DOS MORADORES DO BAIRRO COM RELAÇÃO AO CENTRO DA CIDADE.....	43
4.3	VISÃO DOS MORADORES ACERCA DAS MUDANÇAS OCORRIDAS NO BAIRRO CAJUEIRO.....	47
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	54
	APÊNDICES	57

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do desenvolvimento da sociedade, esta foi se apropriando e formando espaços distintos, realizando um ciclo de organização e evolução demográfica, social e econômica. Nesse processo de formação, a cidade apresenta-se como uma organização urbana que se materializa no plano espacial.

Os estudos relacionados à urbanização, principalmente no tocante às grandes cidades, sempre chamaram muita atenção, apresentando assim uma trajetória vasta de referências na Geografia. Isto, provavelmente, ocorre devido a grande concentração de pessoas, contradições sociais e atividades modernas existentes nessas localidades.

Porém nos últimos anos, o número de estudos relacionados às pequenas e médias cidades tem aumentado consideravelmente. Este fato provavelmente tem ocorrido pelo reconhecimento dos fatores históricos, econômicos e sociais que estas localidades apresentam e pelo rápido crescimento das mesmas, que, como consequência, passam a vivenciar novas formas de expansão urbana.

Essa realidade pode ser percebida nas mais diversas cidades do Brasil e em Santo Antônio de Jesus não é diferente. Localizada no Recôncavo Sul da Bahia, é considerada uma cidade média, apresentando cerca de 100.500 habitantes segundo estimativa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2014. Ela é reconhecida pela força e influência de sua atividade comercial envolvendo bens e serviços diversos sobre as demais cidades da região e apresenta em seu centro uma estrutura que permite a dinamização dessas atividades como, por exemplo, grandes lojas, shoppings, galerias, estacionamentos, entre outros, que garantem também a reprodução do capital.

Dentre as várias modificações ocorridas nessa cidade ao longo do tempo, tem chamado atenção a rápida expansão do bairro Cajueiro. Nele estão localizadas algumas instituições importantes como UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), IFBA (Instituto Federal da Bahia), SESC (Serviço Social do Comércio), além da Secretaria de Infraestrutura do Município e alguns loteamentos e condomínios. Percebe-se um nítido crescimento da atividade comercial dado pela existência de vários supermercados, mercadinhos, lojinhas de confecção, bancas de mercado informal e etc, revelando assim o

surgimento de um novo subcentro na cidade e conseqüentemente, uma mudança na dinâmica centro-periferia existente até então.

A Figura a seguir destaca a localização do bairro Cajueiro na cidade de Santo Antônio de Jesus – Bahia.

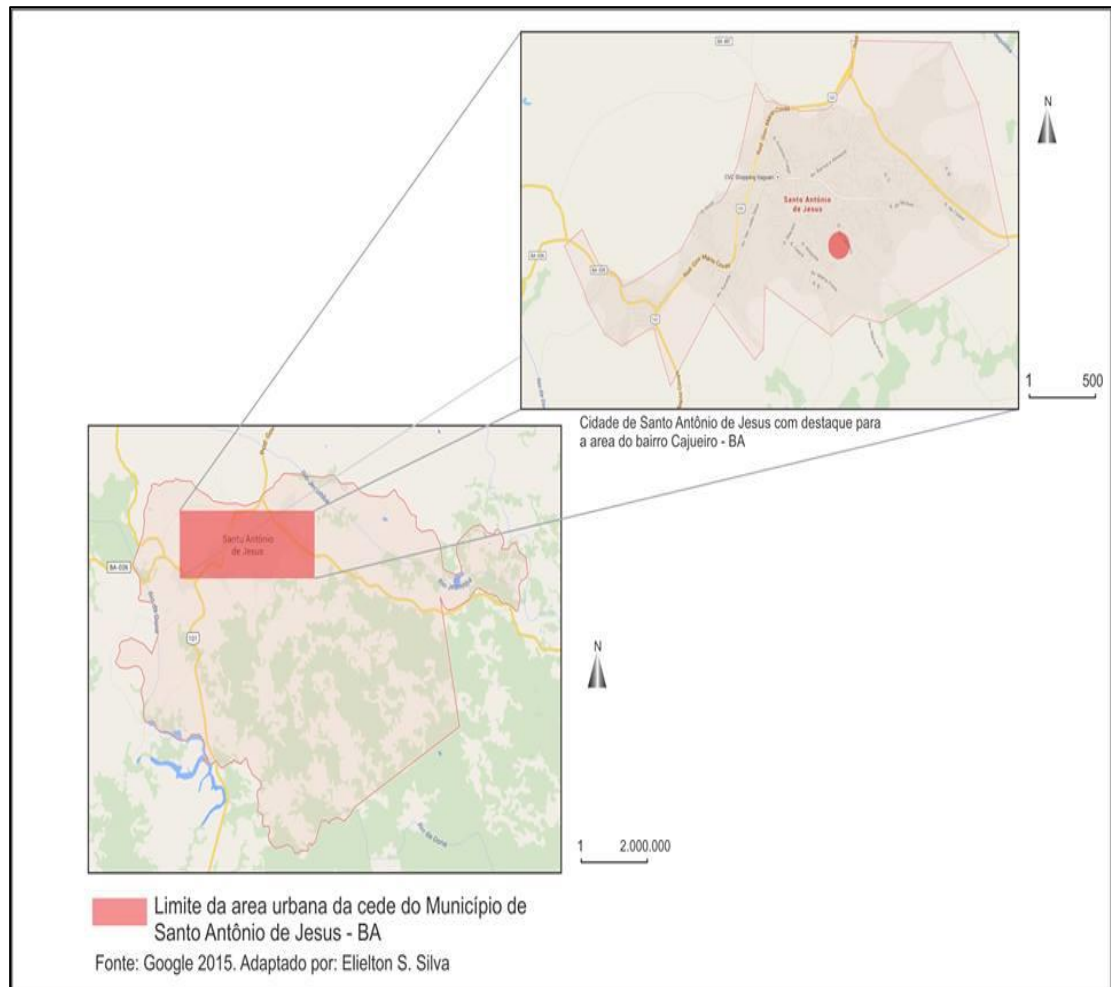


Figura 1- Mapa de Santo Antônio de Jesus, com destaque do bairro Cajueiro

No caso de Santo Antônio de Jesus, a maior parte das atividades comerciais está concentrada no centro da cidade, e é intimamente ligada a seus aspectos históricos já que esta começa a crescer e desenvolver-se através de trocas comerciais ocorridas em pequenas feiras organizadas no ponto onde hoje se encontram a Igreja Matriz e a Praça Padre Mateus, antiga capela construída pelo Padre Mateus.

A escolha por este tema está ligada ao fato de que a autora deste trabalho nasceu e ainda vive na cidade de Santo Antônio de Jesus. Apesar de não residir no bairro Cajueiro, sempre costumava passar por esta localidade e verificar as mudanças que rapidamente ocorriam relacionadas não apenas as grandes e importantes construções, mais também ao aumento rápido no número de estabelecimentos comerciais presentes nesta área. A rapidez como as transformações ocorridas ao longo do tempo se materializavam no espaço e, como esses acontecimentos poderiam impactar na vida das pessoas que ali residem, sempre estimulavam muitas inquietações.

Trabalhar com um tema tão próximo da nossa realidade garante o nosso envolvimento, ao passo que também nos faz compreender as dinâmicas que tecem o espaço urbano. Assim, esta pesquisa apresenta-se como relevante, pois contribuirá com o aumento das obras relacionadas à cidade de Santo Antônio de Jesus. E, mais que isso, poderá contribuir para o entendimento das dinâmicas econômicas, sociais e até mesmo políticas existentes no bairro Cajueiro, que vem se destacando de outras áreas periféricas da cidade nos últimos tempos.

Ela também servirá de apoio a outros trabalhos relacionados à urbanização, à expansão de bairros periféricos e, sobretudo, ao estudo das relações centro - subcentros, permitindo assim aos interessados pelo tema, mais um referencial. Para os moradores desta localidade, servirá como uma fonte de informação acerca do lugar onde vivem e em consequência disso, uma maior propriedade para cobrar das autoridades responsáveis melhorias e até mesmo soluções para os problemas existentes.

Para melhor explanar a situação descrita anteriormente, o presente trabalho apresenta como objeto de estudo o espaço urbano da cidade de Santo Antônio de Jesus, mais especificadamente, o bairro Cajueiro. Como problemática de pesquisa temos: De que forma a expansão do bairro Cajueiro em Santo Antônio de Jesus poderá influenciar na vida dos moradores dessa localidade e na relação centro-periferia já existente?

Para dar resposta a esse questionamento, foram traçados alguns objetivos, sendo o objetivo geral: Compreender de que forma a expansão do bairro Cajueiro em Santo Antônio de Jesus poderá influenciar na vida dos moradores dessa localidade e na dinâmica centro-periferia já existente. Os objetivos específicos foram respectivamente: identificar quais os eventos que incentivaram o crescimento do bairro Cajueiro; verificar qual a dependência dos moradores do bairro com relação ao comércio e serviços oferecidos no centro da cidade; coletar a opinião dos moradores acerca do crescimento do bairro Cajueiro.

Como procedimentos metodológicos, primeiramente foi feito um levantamento bibliográfico a respeito do tema. Em um segundo momento, a fim encontrar informações mais detalhadas sobre o bairro Cajueiro, foram visitados: a Prefeitura Municipal de Santo Antônio de Jesus, a Biblioteca Municipal, a Secretaria de Infraestrutura do município, alguns Cartórios e a Unidade de Saúde da Família da Rua Viriato Lôbo.

Em seguida, também foram realizadas entrevistas semi-estruturadas (APÊNDICE A), com alguns moradores mais antigos do bairro e também com alguns donos de estabelecimentos comerciais. Elas foram de extrema importância, já que tivemos muita dificuldade em conseguir registros relacionados ao bairro em aspecto geral. Foram aplicados também 123 questionários (APÊNDICE B) nas seguintes partes do bairro: a Rua do Cajueiro (rua principal), 2ª travessa da Rua do Cajueiro (também conhecida como Avenida Carlos Amaral), o Loteamento Rio Branco e o Loteamento João Tamarino (formado por quatro ruas: A, B, C e D).

A Figura a seguir, mostra o recorte do bairro Cajueiro escolhido para a aplicação dos questionários.



Figura 2 - Área de aplicação dos questionários no bairro Cajueiro

Após a obtenção desses dados, foi realizada a análise e a tabulação, com o intuito de traçar uma discussão sobre o processo de expansão do bairro Cajueiro a partir dos autores explicitados no referencial teórico e as informações coletadas junto à população e aos órgãos públicos municipais. As observações *in loco*, bem como os registros fotográficos obtidos na área de estudo foram também de grande importância para o andamento desta pesquisa.

É relevante citar a importância de serem elaborados mais estudos acerca de temas relacionados a cidade, não apenas em um âmbito geral, mas principalmente, em âmbitos mais específicos. Essa necessidade não parte apenas da curiosidade e busca de informações sobre localidades tão importantes como são os bairros, mais também pela dificuldade enfrentada por nós, pesquisadores, em falar sobre uma esfera que faz parte do urbano e que como tal, apresenta uma série de dinâmicas que precisam ser identificadas e entendidas, para que então inúmeros problemas sejam sanados.

Para melhor ajuste e compreensão do tema, o presente trabalho foi dividido em três capítulos além desta introdução e da conclusão. O primeiro capítulo trata-se do referencial teórico. Nele são discutidos alguns conceitos definidos como principais e imprescindíveis para esta pesquisa, tais quais: centro, centralidade, periferia, relação centro-periferia e espraiamento.

No segundo capítulo, trabalhamos com um resgate da história do bairro Cajueiro, perpassando pela história de Santo Antônio de Jesus. Este caminho torna-se imprescindível para podermos compreender melhor a situação em que o bairro se encontra hoje. Deve-se aqui ressaltar que os registros orais foram de grande importância para a confecção deste capítulo, uma vez que, como já foi dito anteriormente, há uma falta de bibliografias acerca do bairro em aspecto geral.

No terceiro e último capítulo, fizemos a análise dos dados colhidos em campo, apresentando assim os resultados através de tabelas, quadros e gráficos. Por fim, foram expostas as considerações finais, destacando os pontos mais relevantes da pesquisa.

2 A CENTRALIDADE URBANA: DISCUSSÕES PRELIMINARES

Quando nos referimos ao termo centralidade, a teoria das localidades centrais proposta em 1933 por Walter Christaller, é uma das referências. Segundo ela, toda cidade é o centro de uma região. Seu nível de centralidade é dado pela importância relativa que um lugar desempenha frente ao seu entorno. Assim, podemos dizer que a noção de centralidade expressada por essa teoria, está ligada a questão de quantidade, densidade, a localização de determinadas estruturas bem como a acessibilidade a pontos particulares do território.

Silva (2010) e Côrrea (1982) explicam que esta é uma teoria de localização dos negócios e instituições urbanas, buscando avaliar a organização espacial dos lugares de distribuição do comércio varejista e de serviços. Por sua vez, Egler (2001, p. 29) realça que a teoria das localidades centrais “[...] objetiva explicar a hierarquia da rede urbana, questionando o tamanho, as funções econômicas e a localização das cidades num determinado espaço”.

Implícita à concepção exposta acima está a noção de hierarquia relativa, ou seja, há lugares que se apresentam mais centrais que outros, dada a maior oferta de bens e serviços oferecidos por ele em relação a sua hinterlândia. Sobre isso, Côrrea (1989), ressalta que esta hierarquia,

[...] se caracteriza pela existência de níveis estratificados de localidades centrais, nos quais os centros de um mesmo nível hierárquico oferecem um mesmo conjunto de bens e serviços e atuam sobre áreas semelhantes no que diz respeito à dimensão territorial e ao volume de população (p. 48 – 49).

Desse modo, Christaller desenvolveu a tese de que os centros urbanos, em decorrência dos mecanismos de alcance espacial máximo e mínimo, das vantagens locacionais e das economias de aglomeração, passam a apresentar uma diferenciação de caráter hierárquico, na qual os centros de níveis hierárquicos mais elevados são dotados de uma área de influência mais ampla, onde estariam contidos os centros com níveis hierárquicos inferiores e, portanto, subordinados pelos primeiros centros, de modo a configurar uma rede hierárquica.

Faz-se necessário frisar que, apesar dessa noção de centralidade exposta por Christaller ter contribuído para a compreensão da espacialidade dos processos sociais e econômicos revelando realidades produzidas e necessárias para a reprodução capitalista, a mesma apresenta uma lacuna se levarmos em consideração as diferenças e os conteúdos dos lugares.

O autor não se preocupa em entender os critérios diversos daqueles que resultam em hierarquias e, portanto, consideramos sua ideia de centralidade inadequada para a abordagem neste trabalho. O conceito de centralidade vai muito além das questões quantitativas e locais expostas por Christaller. Ele está pautado nos conteúdos que o urbano apresenta, e sobre isso, cabe citar Lefebvre, quando ressalta que

Descobrimos o essencial do fenômeno urbano na centralidade. Mas, na centralidade considerada com o movimento dialético que constrói e destrói, que cria ou estilhaça. Não importa qual ponto possa tornar-se central, esse é o sentido do espaço-tempo urbano. A centralidade não é indiferente ao conteúdo que ela reúne, ao contrário, pois ela exige um conteúdo. E, no entanto, não importa qual seja o conteúdo (2008, p. 108).

Ao refletir sobre essa questão, o autor expõe que a cidade não cria nada. Entretanto, atrai para si tudo que se produz em outros lugares, centralizando todas as criações. Dessa forma, ela cria tudo, pois nada existe sem as relações que só nela são possíveis. Estas são as chamadas situações urbanas.

Podemos considerar que a centralidade corresponderá a todos os elementos que engendrados possibilitam estabelecer certas áreas em detrimento de outras, como sendo áreas centrais. A aglomeração, a densidade, as relações que dão sentido ao urbano, tais quais as relações sociais, confirmam essa centralidade ao passo que, também podem recriá-la e reproduzi-la em outros lugares. Carlos destaca que a centralidade tem tudo a ver com a acumulação, e segue

A questão da centralidade diz respeito à constituição de lugares como ponto de acumulação e de atração de fluxos, centro mental e social que se define pela reunião e pelo encontro. É uma forma nela mesma vazia que demanda conteúdo, ou seja, as relações práticas, os objetos, os atos e as situações. Demanda, portanto, simultaneidade de tudo que possa reunir e, conseqüentemente, acumular em um ponto ou em torno desse espaço (2001, p. 177).

Nesse sentido, concordamos com Lefebvre, *apud* Dias, 2014, p.12, quando ressalta que “o urbano é cumulativo de todos os conteúdos, seres da natureza, resultados da indústria, técnicas e riquezas, obras da cultura aí compreendidas, maneira de viver, situações, modulações ou rupturas do cotidiano”. Ainda expõe que esse é

[...] o lugar onde as pessoas tropeçam umas nas outras, encontram-se diante de e num amontoado de objetos, entrelaçam-se até não mais merecerem os fios de suas atividades, envolvem suas situações de modo à engendrar situações imprevistas” (LEFEBVRE, 2008, p. 44).

2.1 O CENTRO

Compreendemos a centralidade como o processo que origina as áreas centrais, ou simplesmente, os centros como forma espacial correspondente. É importantíssimo frisar que ambos apresentam significados diferentes. Barreto (2010), atenta ao fato de que as áreas centrais das cidades

[...] têm sido objeto de análises variadas por parte de investigadores de diferentes domínios científicos, sejam da geografia, da arquitetura, da sociologia ou da economia, entre outros, que procuram compreender a desigualdade na distribuição dos fenômenos, verificada a existência de lugares que registram diferentes níveis de concentração de pessoas, equipamentos e atividades (p. 32)

Sobre o conceito de área central, Côrrea (1995) realça que

constitui-se no foco principal não apenas da cidade, mas também de sua hinterlândia. Nela concentram-se as principais atividades comerciais, de serviços, da gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos (p.38).

Nesse sentido, as áreas centrais diferenciam-se do restante da cidade e podem ser facilmente identificadas. Sobre isso, Salgueiro, *apud* Barreto, 2010, p. 34, expõe que “a área central de qualquer povoação individualiza-se sempre das restantes pela concentração de atividades terciárias, pela grande intensidade de usos do solo e a redução do número de alojamentos, pela atração que exerce sobre visitantes ocasionais para fazer compras, tratar de negócios, da saúde, ou por simples lazer e, ainda, pelo importante volume de emprego que

fornece. O centro é o local onde a cidade se mira e se apresenta, por isso é caracterizado por um grande dinamismo. O solo é muito disputado, os edifícios crescem em altura e as ruas mostram grande movimento, quer de peões, quer de viaturas”.

O centro pode corresponder também ao “coração da cidade”. Local de memória, que exprime a história e o passado de determinada localidade, através, por exemplo, da sua arquitetura, espaço social e cultural, dentre outros. Porém, com o tempo, este poderá não mais ser reconhecido como tal, dadas as inovações tecnológicas, ao consumo, e outros, que podem gerar vivências em novas localidades. Sobre isso, concordamos com Sposito, quando afirma que

O centro não está necessariamente no centro geográfico, e nem sempre ocupa o sítio histórico onde esta cidade se originou, ele é antes de tudo o ponto de convergência/divergência, é o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se deslocam para a interação destas actividades aí localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela (SPOSITO, 1991, p. 6).

Dessa forma, podemos perceber que o centro pode ser considerado mutável. Isto pode ser justificado através da perda do carácter central, dado pela introdução dos avanços tecnológicos ao longo do tempo, ou simplesmente, devido à desconcentração das atividades comerciais e de serviços para atender as demandas antes inexistentes.

2.2 A PERIFERIA

Outro importante conceito que norteia esse trabalho é o de periferia, que apresenta uma gama de interpretações. No senso comum, ao falarmos de periferia, logo vem a nossa cabeça as localidades mais distantes de um determinado centro. Porém, como sabemos, nem todo local distante do centro pode ser considerado uma periferia. Nesse sentido, o conceito em foco, ganha uma conotação sociológica, sendo assim, considerado também o local onde vivem as pessoas de baixa renda. Serpa confirma essa afirmação ao ressaltar que o termo periferia designa

[...] áreas localizadas fora ou nas imediações de algum centro [...] significa também aquelas áreas com infraestrutura e equipamentos de serviços deficientes, sendo

especialmente o lócus de reprodução sócio-espacial da população de baixa renda (2002, p. 161).

Assim como as áreas centrais, as periferias também apresentam características que facilmente as distinguem das outras áreas da cidade, sendo as precárias moradias uma das suas marcas mais frequentes. Serpa *apud* Santos, 2000, p. 49, expõe que “as periferias urbanas se diferenciam do resto da cidade pela precariedade da configuração espacial. Através da consolidação de loteamentos clandestinos, imprime-se, no espaço urbano, um processo social maior, de exclusão. A moradia, por sua tradução na paisagem urbana, é o elemento denunciador das diversas formas de segregação sócio-espacial”.

A partir das reflexões de Serpa (2002) e Lago (2007), podemos perceber que nessas localidades que apresentam o chamado “padrão periférico”, em uma instância micro (nos bairros), são formadas verdadeiras áreas de isolamento dadas pelas construções feitas de forma irregular, que por sua vez, são fruto da falta de planejamento urbano.

Kowarick *apud* Dias, 2014, p. 21, ressalta que a periferia é uma das marcantes consequências da intensificação da industrialização e do capitalismo. A partir do momento em que os operários, necessitados de um lugar para moradia e sem o apoio do Estado - a quem compete o provimento de infraestruturas – são responsabilizados em encontrar, por si só, saída para esse problema, esses indivíduos, juntos ao excedente da força de trabalho, se instalam onde lhes for possível, em qualquer espaço vazio, “sem uso”. Assim, “[...] a mão de obra necessária para fazer girar a maquinaria econômica vai morar em aglomerados distantes dos centros, clandestinos ou não, carentes de infraestruturas [...]” (KOWARICK, 1993, p. 35), ou seja, nas conhecidas periferias.

Desse modo, Oliveira (1976), realça que o surgimento das áreas periféricas comprova que a acumulação capitalista no Brasil apresenta como base primordial o rebaixamento do custo da reprodução da força de trabalho, o que repercute no onde e como morar. Nesse sentido, como consequência do modelo de desenvolvimento econômico existente em nosso país, a periferia pode ser lida como uma “fórmula” para a reprodução da força de trabalho. Confirmando essa afirmação, Kowarick (1993, p.44) expõe que o nosso modelo econômico possibilitou, de um lado, altas taxas de exploração do trabalho e, de outro, forjou formas espoliativas que se dão ao nível da própria condição urbana de existência a que foi submetida a classe trabalhadora.

Então, podemos perceber que desde meados da década de 1970, quando as metrópoles brasileiras começaram a ser estudadas com mais afinco, ocorre a consolidação de um padrão periférico de urbanização que apresenta como marca fundamental a localização distinta das moradias e dos diferentes grupos sociais. Com ela estão associadas também as desigualdades nas condições de vida, a produção e reprodução social.

É interessante ressaltar que assim como os centros apresentam um papel específico no urbano, as áreas periféricas também assumem funções nesse espaço, até porque elas apresentam uma dinâmica específica oriunda dos processos e ações ocorridas nesses espaços ao longo do tempo. Sobre isso, Jânio Santos, *apud* Serpa, 2002, p.161, expõe que são estas diferenças temporais que caracterizam a produção e reprodução do espaço da/na periferia, já que representam a justaposição de elementos tradicionais e modernos, culminando numa cristalização diferenciada de signos.

Por conseguinte, as pessoas que vivem nessas localidades também apresentam uma importância no processo de urbanização das periferias, visto que contribuem para a valorização de determinadas porções do território, ao passo que adensam esses espaços e pressionam o poder público para conseguir a infraestrutura adequada para terem qualidade de vida.

2.3 A RELAÇÃO CENTRO-PERIFERIA

A intensificação das discussões ligadas ao par centro-periferia na América Latina, são relativas à teoria econômica elaborada pela Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), nos anos de 1940. Denominada como centro-periferia ou do desenvolvimento pendente, essa teoria apresenta como base as ideias de Raul Prebisch a respeito dos processos evidenciados na Argentina, entre as décadas de 30 e 40. Com a utilização desses termos buscava-se indicar que as diferenças desses dois tipos de economia – os países centrais e os periféricos – resultam em distintas possibilidades de soluções para problemas relativos ao emprego da força de trabalho.

Segundo Rodriguez (1981), as economias centrais seriam então aquelas em que as técnicas capitalistas de produção foram introduzidas primeiro, enquanto que, as periféricas, seriam aquelas que permanecem atrasadas do ponto de vista técnico e organizativo, gerando assim um desenvolvimento desigual que é inerente ao capitalismo. Nesse mesmo sentido,

Vidal (2001, p. 78) acrescenta que “As economias centrais e as periféricas conformam, assim, uma desigualdade originária, isto é, constituindo-se historicamente de acordo com a maneira como o progresso técnico é difundido na economia mundial”.

Assim, entendemos que os conceitos de centro e periferia podem ser compreendidos a partir de diferentes escalas e campos científicos e, se tratando de uma escala macro, mundial, ou seja, relacionada a questão econômica entre os países, o centro e a periferia são denominações que apontam para formas desiguais e articuladas de desenvolvimento e para o fato de que o centro determina os processos que ocorrem na periferia.

Porém, é necessário ressaltar que mesmo sendo estudados em escalas diversas, esses termos apresentam, como já visto anteriormente, características próprias e não necessariamente econômicas. Em cada uma das escalas eles são decorrentes dos lugares e seus mais variados contextos. Tanto em escala macro, quanto numa escala menor e se tratando da relação centro-periferia nas cidades percebe-se que há uma relação dialética e contraditória entre estes espaços. Amin (1976) discute essa perspectiva e compartilhando da mesma linha de raciocínio, Lefebvre expõe que

Descobrir um termo contraditório de outro não significa destruir o primeiro, ou esquecê-lo, ou pô-lo de lado. Ao contrário, significa descobrir um complemento de determinação. A relação entre dois termos contraditórios é descoberta como algo preciso: cada um é aquele que nega o outro; e isso faz parte dele mesmo. Essa é sua ação, sua realidade concreta (1983, p. 178).

Isso nos faz perceber que esses dois termos são apenas reconhecidos a partir da sua existência e comparação entre eles, revelando, portanto, uma relação de oposição. Esse mesmo autor ainda coloca o centro e o não centro como o “[...] conjunto de oposições pertinentes e que conferem sentido às coisas [...]” (LEFEBVRE, 2008, p. 112).

Em uma escala micro, como a que está sendo trabalhada nesta pesquisa, ainda assim temos na relação centro-periferia um caráter contraditório ou de oposição. O bairro Cajueiro é considerado uma localidade periférica da cidade de Santo Antônio de Jesus, isto não apenas por estar localizado distante da área considerada central da cidade, mas também porque nele encontram-se alguns fatores que negam as características do centro, tais quais a permanência em sua maioria de uma população de baixa renda e a falta de infraestrutura adequada para

atender as necessidades da população (ruas sem calçamento, algumas sem rede de esgoto etc). Porém, é inegável o caráter de complementação existente entre estas duas áreas da cidade.

É importante citar que nos últimos anos, o bairro Cajueiro vem experimentando uma série de modificações, dentre elas é possível perceber um rápido crescimento do número de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, a fim de atender as necessidades da população residente. Este fato revela o surgimento de um possível novo subcentro na cidade de Santo Antônio de Jesus.

Sobre isso, Villaça (2001), explica que a origem e a manutenção de subcentros estão ligadas à necessidade do homem em controlar o mercado de modo que ele possa exercer suas funções satisfatoriamente, visando poupar qualquer desgaste, como o físico no caso do deslocamento espacial.

Nesse sentido, os subcentros correspondem a uma nova forma que é impressa no espaço. Estes nada mais são do que um fruto da expansão do tecido urbano, através das mudanças no conteúdo dos centros. Segundo Sposito, os subcentros são

áreas onde se alocam as mesmas atividades do centro principal, com diversidade comercial e de serviços, mas em escala menor, e com menor incidência de atividades especializadas. Tais atividades voltadas para um público mais restrito funcional ou economicamente (SPOSITO, 1991, p. 270).

Esta autora ainda expõe que “o surgimento destas áreas está ligado a expansão do centro que não suporta mais a função de única área comercial e de serviços da cidade, passando assim a dividir essa função com áreas densamente habitadas, onde geralmente o comércio, serviços e infraestrutura acompanham o fluxo populacional” (SPOSITO, 1991).

Nesse sentido, é imprescindível perceber que o processo envolvido no surgimento dos subcentros, é a desconcentração e não a descentralização. O simples fato de serem palavras parecidas pode causar constantes confusões. Porém referem-se a dois processos diferentes.

A desconcentração está ligada a dispersão das atividades comerciais e de prestação de serviços para outras localidades, além do centro propriamente dito da cidade e, portanto, está intimamente ligada ao surgimento dos subcentros. Geralmente, este processo ocorre nas periferias, dada a necessidade de atendimento das demandas da população frente à dificuldade

de locomoção até o centro, que detém uma diversidade maior nos setores de comércio e serviço, mas não exclui inteiramente a relação entre estes pontos da cidade.

Quando se fala em descentralização, entende-se por sua vez, que houve uma substituição de um centro comercial por outro. Nesse sentido, é importante frisar que a organização central da cidade, não é definitiva, apesar de o centro ser considerado como ponto principal deste espaço, quando se fala em atividades comerciais e de serviços. Ela pode mudar quanto ao desenvolvimento de novos sistemas de produção e quanto às necessidades da população, obrigando assim, a saída de estabelecimentos para outras partes da cidade.

Colby *apud* Corrêa, 1995, ressalta como fatores de repulsão da Área Central: o aumento constante do preço da terra, impostos e aluguéis, afetando certas atividades que perdem a capacidade de se manterem na Área Central; congestionamento e alto custo do sistema de transporte e comunicações; dificuldade de obtenção de espaços para a expansão das indústrias em crescimento; etc. Por outro lado, para esse autor, a descentralização só pode realmente ocorrer se há ou quando são criadas atrações nas áreas não centrais ou periféricas, como por exemplo: terras não ocupadas a baixo preço e impostos; infraestrutura implantada; facilidades de transporte; qualidades atrativas do sítio, tais quais, drenagem e topografia; possibilidade de controle e uso das terras; entre outros.

2.4 ESPRAIAMENTO: O MODELO DE EXPANSÃO URBANA VIGENTE EM SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA

Frente às considerações anteriores, torna-se imprescindível falar deste que é um conceito novo para alguns, mas que traduz com fidelidade a origem, bem como, o que vem ocorrendo na maioria das periferias das cidades brasileiras, inclusive em Santo Antônio de Jesus, onde se localiza nossa área de estudo.

O espraiamento é um modelo de expansão urbana que ocorre no interior das médias e grandes cidades em sentido contrário ao que costumamos observar quando se fala em urbanização. Normalmente, os fluxos e concentração de atividades e pessoas encontram-se polarizados no centro dessas localidades. Em contrapartida, com o espraiamento, o crescimento da mancha urbana, bem como a concentração de serviços, comércio etc, ultrapassa os limites das cidades, invadindo assim reservas ambientais, zonas antes consideradas rurais etc.

Como resultado deste processo temos o surgimento das tão conhecidas periferias, que correspondem hoje a moradia de cerca de 50% da população brasileira que reside nas grandes e médias cidades. É importante frisar que nesse processo ocorre também a disseminação não apenas das classes de baixa e média renda. As classes mais abastadas da população das cidades acabam também impregnadas e propagadas nesse processo, uma vez que as mudanças no padrão de vida e também as propagandas de interesses imobiliários, as impulsionam para lugares mais calmos, em contato com a natureza. Assim, o espraiamento pode ser definido como

um modelo de expansão urbana para as bordas do município ou para além dele. Pode se dar na forma de condomínios fechados para a população de média e alta renda ou, como no caso brasileiro, usualmente através de assentamentos precários para população de baixa renda, configurando periferias, subúrbios ou cidades-satélites (FERRARI e TONUCCI, 2013, p. 4).

Historicamente falando, a transição da economia agrária para a economia urbano-industrial fez com que as cidades começassem a crescer estimuladas por um expressivo êxodo rural. As pessoas viam nas cidades uma possibilidade de melhoria de vida e nesse sentido, a ascensão social, já que as áreas rurais com a sua estrutura arcaica, começaram a perder a importância frente a modernização e dinamização das indústrias, o que ocasionou o crescimento desordenado das favelas e periferias irregulares e sem infraestrutura.

Outro fator que possibilitou o espraiamento urbano foi a difusão dos sistemas de transporte, principalmente dos ônibus, pois permitiram a população locomover-se para lugares distantes, com um baixo custo, abrindo assim novas formas de moradia para principalmente as pessoas de baixa renda. Não podemos deixar de citar que este processo também garantiu a manutenção estratégica de inúmeras áreas vagas ao longo da mancha urbana para fins especulativos do mercado imobiliário, além de avançar sobre áreas rurais produtivas e aquelas que apresentam risco ambiental como mananciais, encostas de morros, dentre outros.

Outra manifestação do processo de espraiamento, agora destinada a população de média e alta rendas, são os condomínios fechados. Eles representam a forma mais recente desse processo no Brasil e vem se disseminando de forma intensa. Situados nas margens de rodovias e em áreas de interesse ambiental, sua expansão tem impactos significativos sobre o padrão de moradias, mobilidade e etc, existentes nas periferias. Em suma, a presença dessa forma urbana nas localidades mais distantes do centro intensifica a disseminação das

diferenças de classe, ao mesmo tempo que, difunde o estilo de vida urbano pautado no consumo elevado de produtos industrializados, altos níveis de poluição, degradação ambiental, em áreas antes desabitadas ou simplesmente preservadas.

Este é um processo tão recente que suas características podem ser observadas com detalhes no bairro Cajueiro. Nos últimos anos, como já foi ressaltado, ele vem sofrendo uma grande modificação não apenas em sua configuração espacial, ainda com aspectos rurais, mas também, na sua dinâmica econômica e social. Existe hoje uma quantidade considerável de instituições importantes para toda a região nesta localidade, além do vasto número de estabelecimentos comerciais, loteamentos e condomínios.

Como todo e qualquer processo que modifica o espaço, é possível verificar algumas consequências e segundo Passos *et al.*, (2012, p.50),

a estrutura urbana gerada no tipo de sistema altamente segregado é dispersa, com grandes perdas para o funcionamento dos sistemas de circulação, distribuição de água, energia e com dificuldades na oferta de serviços públicos, como os transportes coletivos.

Assim, por invadir áreas rurais, ultrapassando às vezes os limites das cidades, ele inviabiliza a definição das fronteiras urbanas. Esse é um dado muito complicado, já que pode envolver áreas privadas nessa expansão, causando conflitos. Também acaba impossibilitando a definição dos centros locais, uma vez que a tendência, com essa expansão da mancha urbana é a formação de outros centros ou os conhecidos subcentros comerciais.

Outro possível problema ocasionado por este processo tem relação com o deslocamento dos moradores dessas áreas espalhadas. Por serem locais distantes dos centros das suas cidades, o transporte público pode não ser eficiente, muito menos seguro. Esse fato pode fazer com que o poder público não se sinta responsável em exercer esse serviço, o que pode causar um custo mais elevado para que esse deslocamento seja feito.

É importante salientar também que a consolidação de novas classes médias, fez com que houvesse uma preferência maior pelo transporte individual, ampliando ainda mais a movimentação e os possíveis congestionamentos nessas localidades.

Com esse processo temos grandes consequências ambientais, por exemplo, a perda de áreas de relevância ambiental, como as reservas. Assim, ocorre também a extinção de muitos componentes da flora e fauna dessas localidades. Além disso, o uso excessivo dos solos rurais pode causar desgastes e diminuição considerável dos seus nutrientes, o que inviabiliza a

produção. É importante citar também o aumento da poluição dos cursos d'água e do ar, causado pela grande quantidade de resíduos e pela utilização de combustíveis fósseis, já que aumentará o movimento para essas áreas consideradas antes como “tranquilas”.

Por fim, destacamos que esse modelo de expansão urbana faz com que haja a disseminação da segregação e exclusão social, já que é pautada na construção de condomínios luxuosos destinados as classes de média e alta rendas enquanto que, revela-se também através de assentamento irregulares e precários destinados a população de baixa renda. Nesse sentido, ocorre a perda do convívio em comunidade além da ausência de aparelhos urbanos diversificados que atendam as necessidades da população.

3 EXPANSÃO URBANA DO BAIRRO CAJUEIRO: DO CONTEXTO HISTÓRICO A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL ATUAL

O presente capítulo está distribuído em duas seções: Contexto Histórico de Santo Antônio de Jesus e A formação do bairro Cajueiro e sua configuração atual. Essa divisão foi pensada no sentido de que houvesse maior compreensão do contexto de surgimento da área de estudo, através de uma seleção de informações consideradas relevantes. Nesse sentido, partimos de um âmbito mais amplo referente ao surgimento da cidade de Santo Antônio de Jesus, concomitante ao despontar do comércio considerado hoje sua atividade mais expressiva.

Tratamos também do ciclo do fumo, um importante período vivenciado no Recôncavo, que incentivou o surgimento do bairro Cajueiro, devido à existência no passado das fazendas de fumo. Por fim, na seção intitulada A formação do bairro Cajueiro e sua configuração atual, discutimos aspectos específicos sobre o bairro, como sua história e atual configuração.

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA CIDADE DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS

Antes de falarmos em caráter específico sobre o bairro Cajueiro, é necessário compreender também sobre o surgimento da cidade em que se localiza a área de estudo. A cidade de Santo Antônio de Jesus, na Bahia, também conhecida como Cidade das Palmeiras, tem sua história ligada ao desbravamento da Serra da Jibóia e seus arredores. Miguel Santos (2002) ressalta que

As bases iniciais que resultaram na formação da cidade surgem desde o século XVI. [...] Nessa época, torna-se difícil afirmar, segundo a literatura, quais as verdadeiras denominações das tribos que habitavam o município. Todavia, ocorre a possibilidade de os cariris, tupinambás e aimorés terem sido os primeiros ocupantes desse território (SANTOS, 2002, p. 84-85).

Segundo Hélio Valadão (2005), em sua obra “Santo Antônio de Jesus, Sua Gente, suas Origens”, a Serra da Jibóia é um ponto fundamental para compreender o estudo da origem dessa cidade, visto que as penetrações pioneiras do território santoantoniense, tem a ver com a

grande procura por metais preciosos como ouro, prata, etc, feitos através dos cursos d'água, em direção as nascentes dos seus rios.

De acordo com o referido autor, as primeiras fazendas e povoamentos provavelmente começam a surgir nos arredores das aldeias dos índios, pois estas eram áreas menos agrestes e com água em abundância, favorecendo assim não só os cultivos, como também a criação de animais. Aos poucos foram chegando lavradores que ocupavam as melhores terras e em seguida registravam suas posses nos cartórios de Jaguaripe, Maragogipe ou Nazaré. Ainda não se ouvia falar em povoado, mas havia uma organização dos fazendeiros para melhorar as estradas das fazendas entre Nazaré e Jaguaripe, a fim de incrementar a produção. A partir desse momento, começa a surgir referências para o futuro município, como por exemplo: Quatro Ladeiras, São José do Cocão, Fazenda do Conselho, Morro e Rio da Dona (VALADÃO, 2005, p.37).

Ainda de acordo com Valadão (2005), mais precisamente entre 1777 e 1779, foi construída a Capela de Santo Antônio de Jesus. Tinha como principal objetivo realizar eventos religiosos e sociais para fiéis católicos das mais diversas classes sociais. A então capela de Santo Antônio foi cumprindo suas funções e aos poucos, para atender as demandas religiosas, os próprios fiéis começaram a construir residências ao seu redor. Atrás da referida capela instalou-se um curral para cuidar dos animais dos fiéis e para cuidar também de animais recolhidos nas imediações da Freguesia.

Concomitante a fixação de pessoas, começou também a despontar, nos arredores da capela, o comércio, principal atividade da cidade até os dias atuais. Naquele momento, esta atividade era representada por vendas, quitandas, pensões de fornecimento de alimentos antes e depois das celebrações, além de outras atividades como prestação de serviços de pedreiros, carpinteiros, pintores etc, que atraíam pessoas de diversas localidades.

Podemos perceber então, que o surgimento da cidade de Santo Antônio de Jesus, bem como a expansão do seu centro estão ligados ao surgimento e fortalecimento da atividade comercial, que começou timidamente e hoje é considerada a engrenagem principal da economia local, garantindo assim um destaque desta, sobre outras cidades da região.

Miguel Santos (2002), ainda afirma que

As atividades desempenhadas pelos atacadistas e varejistas do comércio formal, que trabalham com uma variedade enorme de produtos, indo de materiais de limpeza até

os móveis e materiais de construção, os feirantes de confecção e produtos primários, e a atuação dos principais serviços públicos e privados, juntos, constituem elementos primordiais na movimentação existente em Santo Antônio de Jesus (SANTOS, 2002, p. 32).

Para compreendermos o surgimento da nossa área de estudo, o bairro Cajueiro, localidade periférica de Santo Antônio de Jesus, trataremos a seguir sobre o Ciclo do fumo. Período que garantiu a essa cidade não apenas uma prosperidade econômica, mas também, um crescimento relacionado a sua área.

Em meados do século XIX, a guerra civil nos EUA e em Cuba geram oportunidades de concorrência internacional, no mercado do fumo. Associado a estes conflitos, e como principais produtores da folha de fumo, estavam os comerciantes de Bremen - Alemanha, que concorriam com os comerciantes dos EUA e viram no Brasil a possibilidade de avançar.

De acordo com um Rocha *apud* Zevaldo Souza (2011)

Dentro de um contexto de aumento do consumo mundial de charutos, a Bahia desponta como grande produtora a partir desta parceria com os alemães de Bremen e Hamburgo. No início do século XX eram 60 milhões de charutos produzidos no Brasil, grande parte na Bahia.

Ainda, de acordo com Mesquita e Oliveira, *apud* Melo, 2011, a Bahia participou diretamente de toda a história desta lavoura em terras brasileiras. Respondendo pela maior produção do país e se estabelecendo nesta posição até o início da década de 1950, este referido estado presenciou o surgimento agroindustrial do tabaco.

As cidades que despontaram para o fomento da economia fumageira na Bahia foram: Cachoeira, Castro Alves, Cruz das Almas, Maragogipe, São Félix, Sapeaçu, Santo Antônio de Jesus e outras da região do Recôncavo, tendo como benefícios a geração de emprego e renda. Apresentando condições climáticas adequadas e um solo do tipo massapê de alta fertilidade, essa região representou uma enorme vantagem competitiva em relação aos outros estados, permitindo a produção do melhor fumo do país e de renome internacional.

Segundo Victor Rocha, *apud* Zevaldo Souza, 2011, aos poucos, pequenas fábricas foram sendo montadas para produzir charutos. Cruz das Almas se destacava pela produção fumageira agrícola e Maragogipe pela presença de fábrica Suerdick e pela saída ao mar, através do rio Paraguaçu.

Em Santo Antônio de Jesus não foi diferente. A sua exploração foi tão extraordinária que proporcionou à economia santantoniese um período de riqueza e progresso, principalmente da classe operária, atraindo também investimentos do Governo Estadual. De acordo com Valadão

Essa atividade foi tão importante que justificou a criação do instituto do fumo pelo Governo Estadual, cuja sede foi instalada na cidade numa fazenda situada a 6 km de distância, num local denominado Benfica. Este órgão teve finalidade de incentivar o plantio, fornecer sementes selecionadas e ensinar técnicas para se obter um produto qualificado para o mercado internacional e rentável para os seus exploradores, pessoas de todas as camadas sociais (2005, p. 131).

O autor ainda comenta que a produção era feita nas grandes fazendas dessa cidade, em áreas próximas a sua sede, a fim de que houvesse melhor controle da adubação. Além disso, quanto mais próximas, menores seriam os gastos com o transporte deste produto para os armazéns de compra, onde os fardos eram abertos e checados. Valadão ainda complementa que:

Depois, eram entregues aos operários que nas próprias dependências do armazém ou em suas casas, retiravam os talos centrais das folhas, separando-os a parte para que posteriormente o seu peso fosse somado ao do produto, a fim de ser checado com o peso da massa recebida. [...] Os armazéns recebiam as folhas destaladas, passavam-nas em peneiras e com o auxílio de ventiladores sopradores, extraíam toda a sujeira que, porventura ainda permanecesse nas folhas. Aí, finalmente o fumo era enfardado para a exportação (2005 p. 132).

De acordo com relato do autor, o fumo do Recôncavo era considerado um dos melhores do mundo e usado preferencialmente em charutos e cigarros de primeira linha; por isso, era vendido por preços vantajosos. As folhas utilizadas na produção de charutos eram selecionadas, enroladas por subcapas e capas especiais, depois embaladas em finas caixas de madeira de cedro e amarradas com fitas acetinadas da melhor qualidade.

No entanto, em meados dos anos 1970, o maior ciclo econômico vivenciado em Santo Antônio de Jesus encontrou seu declínio. Os principais motivos da diminuição drástica desta produção estão relacionados ao reflexo de campanhas publicitárias negativas espalhadas pelo

mundo combatendo o tabagismo e afirmando inclusive que os charutos estavam transmitindo câncer aos seus consumidores.

A chegada de outras grandes fábricas de fumo com técnicas diferenciadas na Bahia, por volta de 1920 já anunciavam o declínio dessa produção. Sobre isso, Victor Rocha, *apud* Zevaldo Souza, 2011, em publicação no site “Guia do Recôncavo” expõe que:

Em 1924, um grande truste anglo americano chamado British-American Tabaco chega à Bahia e rapidamente leva os concorrentes baianos e alemães à falência. Os alemães ainda ficam com a exportação de fumo e fabricação de charutos, mas este produto já tinha entrado em desuso com o advento do cigarro. Como o Brasil não acompanha a mudança da preferência mundial pelo cigarro, em 1930, a Bahia, já sem a conexão alemã, perde a liderança no fumo para o Rio Grande do Sul e o Cacaú surge como principal produto, produzido ao sul do estado.

Sobre isso, Hélio Valadão (2005) afirma que algumas empresas ainda tentaram diminuir o trabalho manual no processo de fabricação do fumo, denominado popularmente por manocagem, porém o mesmo não correspondeu às expectativas, pois as referidas máquinas misteriosamente provocaram umidade nos fardos de fumo, impregnando-os com um fungo chamado “rosca do fumo”, representado por uma lagarta que manchava de preto as folhas.

Deste modo, com o passar do tempo, a falta de mercado e de incentivo para a produção do fumo fizeram com que os fazendeiros da região do Benfca começassem a lotear as suas terras e colocá-las a venda. A partir daí, verifica-se em de Santo Antônio de Jesus um crescimento relativo a áreas mais distantes do seu centro, e conseqüentemente uma nova configuração espacial da mesma.

3.2 A FORMAÇÃO DO BAIRRO CAJUEIRO E SUA CONFIGURAÇÃO ATUAL

Segundo as entrevistas feitas com dois moradores mais antigos do bairro (APÊNDICE A) bem como, os conhecimentos adquiridos através da obra Santo Antônio de Jesus, Sua Gente, Sua Origem, de Hélio Valadão (2005), foi possível compreender que por não encontrarem mais nenhuma solução prática para tentar reanimar a produção fumageira, a venda dos lotes poderiam auxiliar no investimento em novas atividades como a produção de

fogos de artifício, que apesar de ilícita e perigosa, gerava grandes lucros aos seus investidores, ao passo que empregava os operários e lavradores agora ociosos, dado o declínio da produção do fumo.

Pouco a pouco, essa região do Benfica passa a aumentar consideravelmente a sua população, deixando assim de apresentar características apenas rurais. Foram sendo construídas casas, a priori, bem simples, sem energia elétrica ou água encanada. Caminhos começam a ser abertos e onde antes eram vistas matas fechadas, já era possível ver pequenas plantações voltadas para a subsistência de seus moradores.

É importante citar que não existem registros físicos ou documentos oficiais que revelem com exatidão datas ou mesmo os próprios acontecimentos históricos do bairro. Apesar da Prefeitura e da Secretaria de Infraestrutura terem sido procuradas, a maior fonte de informações relacionadas ao bairro Cajueiro foi oriunda de entrevistas e conversas informais com moradores mais antigos dessa localidade.

Uma das moradoras entrevistadas (Entrevistada 01) é residente no bairro a cerca de 70 anos. Ao ser indagada sobre como era essa localidade nesse período, nos informou:

Vim morar aqui depois que casei. Eu e meu marido viemos da “cidade” (centro). Não queria vir pra cá porque não tinha nada, movimento nenhum. Tinha só mato e poucas casas. Meu marido não gostava do movimento da cidade (Entrevistado 01-Agosto de 2013).

Segundo a Entrevistada 1, seu esposo comprou um lote muito grande e foi dividindo em outros lotes para vender. Ela também informou que a eletricidade e a água encanada demoraram bastante para chegar, tanto que as mulheres lavavam roupa em um rio que passava por aquela região e tinha que carregar água para fazer os serviços domésticos.

Outra informação relevante foi com relação ao nome do bairro e também ao nome de alguns loteamentos dessa região. A entrevistada 1 informou que o bairro começou a ser conhecido como bairro Cajueiro devido ao fato de que naquela região, quando rural, existiam muitos pés de Caju. Essa informação foi confirmada pelo outro morador entrevistado (Entrevistado 2), que vive no bairro há aproximadamente 20 anos. Com relação ao nome das ruas existentes hoje, o Entrevistado 2 nos informou que algumas delas receberam o nome dos antigos donos dos lotes que foram vendidos. Um exemplo é o Loteamento João Tamarino, fato que comprova que as terras ao redor do Benfica foram realmente loteadas.

Através de todas as informações obtidas pelos moradores, percebe-se que o bairro hoje está muitíssimo diferente. Apresenta muitas casas, estabelecimentos comerciais, escolas, igrejas e uma série de condomínios e loteamentos. Também apresentam rede elétrica e água encanada. A Tabela 1, a seguir, mostra alguns dos loteamentos que hoje configuram o espaço do bairro Cajueiro e os respectivos anos de registro.

Tabela 1 - Loteamentos existentes no Bairro Cajueiro – SAJ/BA

Nome	Ano de registro
Loteamento Rio Branco	2005
Loteamento Vila Olímpica	2007
Loteamento Teresópolis	2007
Residencial Minha Casa Minha Vida	2008
Loteamento Parque Cajueiro	2010
Residencial Vila Viva	2011
Loteamento Marina Ville	2013

Fonte: Secretaria de Infraestrutura do Município de SAJ/BA. Elaborada por Jéssica Costa.

É possível perceber que a documentação e o registro desses loteamentos são recentes. Isso comprova o fato de que o bairro teve um crescimento muito rápido, datado entre meados da década de 1990 até os dias atuais. Crescimento este relacionado não apenas ao aumento do seu povoamento, mas também, ao aumento da sua população. Esta localidade apresenta outros loteamentos, porém não foi possível ter acesso aos registros.

Além de loteamentos, é possível perceber que no bairro Cajueiro existem algumas instituições instaladas recentemente. A tabela a seguir, mostra as instituições presentes no bairro e suas datas de registro.

Tabela 2 - Instituições existentes no bairro Cajueiro – SAJ/BA

Nome	Ano de Registro
EDBA - Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola	1993
Secretaria de Infraestrutura do Município	2005
SESC – Serviço Social do Comércio	2006
GANAN – Grupo Ambientalista Nascentes	2006
UFRB – Universidade do Recôncavo da Bahia	2009
IFBA – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia.	2013

Fonte: Secretaria de Infraestrutura – SAJ/BA. Elaborada por Jéssica Costa.

Através da tabela acima é possível perceber que a primeira instituição a ser instalada no bairro, foi a Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola. Nesse período, o bairro apresentava uma paisagem rural marcante, e a existência de várias pequenas propriedades agrícolas provavelmente incentivou a sua instalação. Hoje, a EDBA, localiza-se no centro da cidade de Santo Antônio de Jesus, o que revela que a sua atuação naquela região nos dias atuais, já não é tão intensa e necessária.

A instalação do Serviço Social do Comércio (Figura 3) e da Universidade do Recôncavo da Bahia (Figura 4) marcou uma nova etapa para o bairro.



Figura 3 - SESC – SAJ/BA

Fonte: www.sescbahia.com. Acessado em Maio de 2015



Figura 4 – Campus da UFRB em SAJ/BA

Fonte: Registro do campo, Julho de 2014

Ambos, com suas missões respectivas, incentivaram o aumento da movimentação nessa localidade, o crescimento de casas comerciais já existentes, bem como o surgimento de novos estabelecimentos, além do aumento de construções destinadas a moradias por aluguel, como é possível observar nas Figura 5:



Figura 5 – Casas comerciais no bairro Cajueiro

Fonte: Registro do campo, Julho de 2014

Através de conversas informais com alguns moradores do bairro, foi possível perceber que o estabelecimento registrado na Figura 5 já existia e foi reformado e ampliado a fim de atender melhor os moradores dessa área. Percebe-se também que, sobre as casas comerciais, estão sendo feitas outras construções, provavelmente destinadas para aluguel.

É importante destacar também que o aumento da quantidade de estabelecimentos comerciais no bairro vem incentivando o amplo desenvolvimento do comércio em direção à formação de um novo subcentro comercial na cidade. Isso porque é possível encontrar nessa localidade os mais diversos serviços tais quais farmácias, *lan houses*, bares e restaurantes, casas de materiais de construção, etc.

A Figura 6 mostra alguns dos vários prédios construídos no bairro Cajueiro que são destinados para aluguel. A maioria deles tem como inquilinos estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que buscam residir mais próximo do local. É importante citar que o fato dessas construções estarem localizadas próximas à universidade, faz com que os preços dos aluguéis sejam caros. Mas, mesmo nessas circunstâncias, não ficam inutilizados.



Figura 6 - Prédios de apartamentos destinados para ao aluguel

Fonte: Registro do campo, Julho de 2014

A instituição mais recente a ser registrada é o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, que tem previsão para o término da obra no ano de 2015. Esta trará maior visibilidade à cidade de Santo Antônio de Jesus e sem dúvida, contribuirá como o crescimento já em andamento do bairro Cajueiro. A Figura 7 mostra o andamento da construção.



Figura 7 – Construção em andamento do IFBA – SAJ

Fonte: Registro do campo, Junho de 2014

4 O BAIRRO CAJUEIRO E A RELAÇÃO CENTRO – PERIFERIA

4.1 CENTRALIZAÇÃO NO BAIRRO CAJUEIRO

A intensificação do processo de urbanização é um fator que pode ser percebido na atualidade principalmente nas médias e grandes cidades. Com ele, há uma crescente modificação do espaço urbano, dadas as necessidades do homem e, em concomitante, as necessidades do capital. A dinâmica centro periferia, neste contexto, tende também a mudar, visto que tal processo, tem como consequência a saturação das atividades comerciais e de prestação de serviços nos centros das cidades. Assim, em função da disponibilidade de terras a preços mais acessíveis, estes equipamentos tendem a serem instalados em locais distantes dos centros tradicionais, nas periferias.

Esta é uma realidade do bairro Cajueiro em Santo Antônio de Jesus, que em um curto período de tempo experimentou uma drástica mudança em sua configuração espacial, antes bastante rural, acompanhada também de uma modificação no conteúdo desse espaço.

Milton Santos (2006), ao diferenciar os conceitos de paisagem e espaço, explica que o primeiro, é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. Os espaços são essas formas mais a vida que as anima (p. 83). Ou seja, produção do espaço tem como resultado as formas e estas só são materializadas graças a ação da sociedade que produz seus eventos e garante com isso a criação de conteúdos para os diversos espaços.

Para compreender a atual configuração do bairro, foi necessário entender os motivos que levaram ao seu crescimento. Através de dados da Secretaria de Infraestrutura do município de Santo Antônio de Jesus, o crescimento do bairro Cajueiro data o ano de 2005, período a partir do qual começam a ser registrados, em cartório, loteamentos, condomínios e também, algumas importantes instituições do município.

Ainda segundo as informações coletadas na Secretaria de Infraestrutura, este crescimento está intimamente ligado ao próprio crescimento da cidade, visto que a área do centro e seus arredores já se encontram saturadas, tanto com relação ao espaço horizontal, quanto ao vertical, como pode ser visto na Figura 8, a seguir.



Figura 8 - Praça Padre Mateus - Centro Comercial de Santo Antônio de Jesus

Fonte: INFOSAJ, 2013

Outro motivo importante que levou a este crescimento foram as mudanças nos padrões de vida. Há hoje uma procura muito grande, principalmente por parte de famílias de classe alta, por lugares mais calmos e em contato com a natureza, como uma forma de tentar fugir da correria do dia a dia. As propagandas de interesses imobiliários impulsionam estas ações e é possível observar várias destas na nossa área de estudo, além dos próprios condomínios já construídos e outros em construção. A Tabela 3 mostra os loteamentos registrados mais recentemente no bairro Cajueiro.

Tabela 3 - Loteamentos mais recentes do bairro Cajueiro

NOME	ANO DE REGISTRO
Loteamento Parque Cajueiro	2010
Residencial Vila Viva	2011
Loteamento Marina Ville	2013

Fonte: Secretaria de Infraestrutura do município de SAJ/BA. Elaborada por Jéssica Costa.

A Figura 9 mostra um condomínio em construção no bairro. Próximo a ele existe um outro. É curioso o fato de ambos estarem sendo construídos em uma mesma área. Atrás desta localidade, ainda existe um outro condomínio, ainda maior sendo construído. Este pode ser visto na Figura 10.



Figura 9 - Condomínio em construção no bairro Cajueiro

Fonte: Registro do Campo, Julho de 2014



Figura 10 - Grande condomínio construído no bairro Cajueiro

Fonte: Registro do Campo, Julho de 2014

A Figura 11, mostra uma placas relacionadas a venda e troca de lotes, revelando assim que o processo de crescimento do bairro tende a continuar. A Figura 12, por sua vez, mostra um condomínio já existente no bairro e registrado em cartório no ano de 2010.



Figura 11- Placas anunciando vendas e trocas de lotes

Fonte: Registro do Campo, Julho de 2014



Figura 12 - Condomínio existente no bairro Cajueiro desde 2013

Fonte: Levantamento de campo, Julho de 2014

4.2 DEPENDÊNCIA DOS MORADORES DO BAIRRO COM RELAÇÃO AO CENTRO DA CIDADE

Os fatores explicitados no item 4.1, que evidenciam o crescimento do bairro Cajueiro, incentivaram o aumento do número de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços nesta localidade, apontando assim para o surgimento de um novo subcentro no município de Santo Antônio de Jesus.

O surgimento dessas novas centralidades segundo Santos (2010), está ligado a um processo denominado reestruturação urbana. Este se caracteriza por “uma ruptura na lógica de reprodução das centralidades das cidades, que influencia diretamente na reprodução da estrutura urbana, fazendo eclodir no interior das cidades novos espaços de consumo (comércio e serviços), que são ditados, ao mesmo tempo em que ditam, novas relações tempo-espaço no intra-urbano” (SANTOS, 2010, p. 9).

Nesse sentido, a estruturação mononucleada da centralidade, em que havia uma relação única entre centro e periferia, característica das cidades até meados do século XX, passa a ser substituída pela estruturação polinucleada, em que há uma diversidade ampla de consumo através da existência de novos pólos de comércio e serviços em uma mesma cidade.

É importante citar que o fato de existir na atualidade um subcentro comercial em determinada localidade da cidade, não significa que antes não havia outros estabelecimentos voltados ali para o comércio e a prestação de serviços para população. Muito pelo contrário. Há apenas uma tendência de intensificação dessas atividades. O bairro São Benedito, bem como o Bairro do Amparo, localizados também na cidade de Santo Antônio de Jesus, já apresentavam alguns estabelecimentos comerciais antes mesmo de se tornarem subcentros. Hoje, concentram uma série de estabelecimentos desde farmácias, mercadinhos, supermercados a lojas de roupa, facilitando assim a vida dos seus moradores.

Isto também ocorreu no bairro Cajueiro, que sempre apresentou estabelecimentos comerciais, mas, a partir dos fatores explicitados no item anterior, obteve uma ampliação expressiva no que diz respeito à quantidade dos mesmos.

A Tabela 4, a seguir, mostra os estabelecimentos existentes no bairro Cajueiro e suas respectivas quantidades.

Tabela 4 - Estabelecimentos comerciais existentes no bairro Cajueiro

TIPO DE ESTABELECIMENTO	QUANTIDADE
Restaurante	5
Bar	3
Farmácia	1
Loja de Roupas	2
Salão de Beleza	8
Loja de Material de Construção	2
Mercadinho	4
Supermercado	2
Oficinas	3
Lanchonete	2
Lava-Jato	2
Escritório de Advogado	1
Lan House	1
Loja de Estofados	1
Escola	4
Sorveteria	1
Igreja	3
Loja de variedades	1
Barbearia	2
Posto Médico	1
Bancas informais	7

Fonte: Pesquisa de campo, Agosto de 2014. Elaborada por Jéssica Costa.

Como é possível observar na Tabela 4, no bairro Cajueiro, mais precisamente na sua rua principal, a Rua do Cajueiro, está concentrada uma grande variedade de estabelecimentos, sendo que, os que se apresentam em maior quantidade são salões de beleza e bancas destinadas ao comércio informal.

Ao analisarmos os dados referentes à frequência em que os moradores do bairro vão para o centro, é possível perceber que, em maior quantidade, as pessoas frequentam todos os dias essa área da cidade. Este fato é demonstrado na figura a seguir:

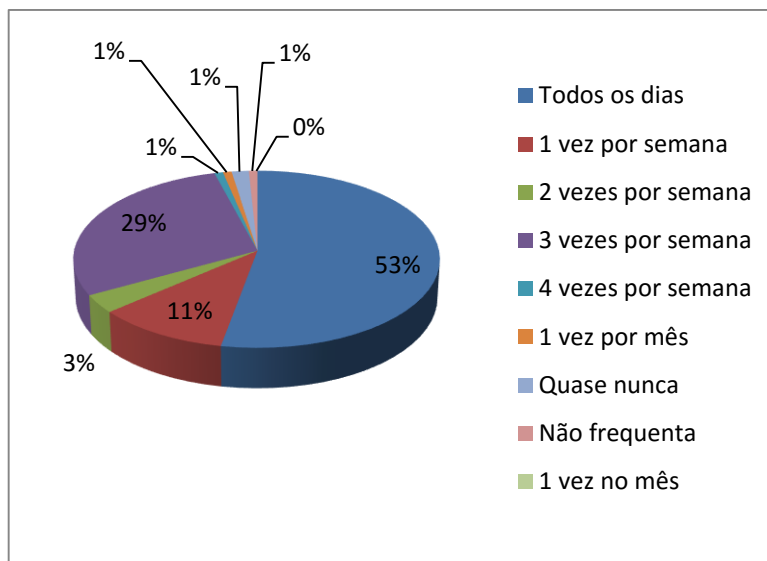


Figura 13 - Frequência em que os moradores do bairro Cajueiro vão ao centro

Fonte: Levantamento de campo, Junho 2014. Elaborado por Jéssica Costa

Os motivos que levam os moradores do bairro a frequentar o centro da cidade são os mais diversos. Porém, em sua maioria, esta parte da cidade é muito frequentada para fins de trabalho e compras, como é possível perceber abaixo, na Figura 14.

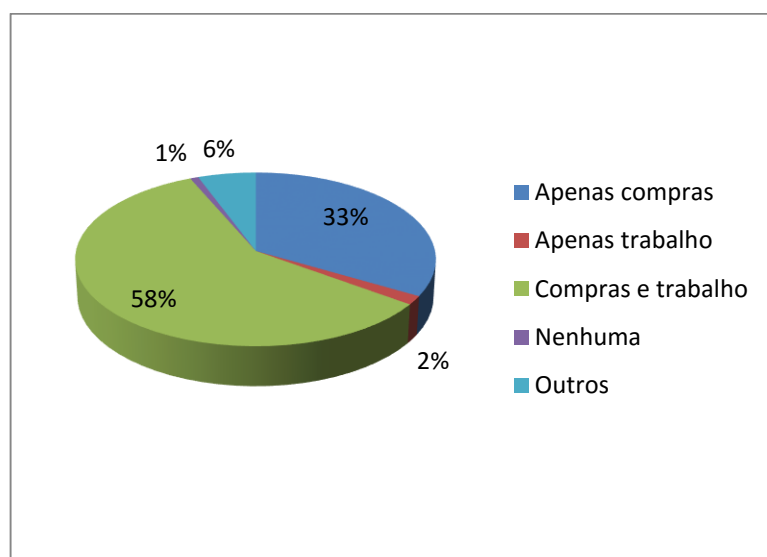


Figura 14 - Relação dos moradores do bairro Cajueiro com o centro da cidade

Fonte: Levantamento de campo, Junho de 2014. Elaborado por Jéssica Costa

É importante citar que o item “outros” na Figura 14, representa (segundo os dados coletados) pagamento de contas e outras atividades que não foram explicitadas nas respostas dadas pelos questionados.

O Quadro 1 a seguir, trata dos tipos de estabelecimentos e atividades que os moradores mais utilizam no centro da cidade. Faz-se necessário aqui especificar os tipos de estabelecimentos que representam cada um dos tipos de atividades mencionadas na Figura 6. Assim temos:

Quadro 1 – Atividades existentes no bairro e seus estabelecimentos

ATIVIDADE	ESTABELECEMENTOS
Comércio	Mercadinhos e supermercados, farmácias, lojas de roupas, bares e restaurantes, oficinas, lojas de materiais de construção.
Serviços	Clínicas, hospitais, postos de saúde, lan house, escritório de advocacia etc.

Fonte: Levantamento de campo. Elaborado por Jéssica Costa, em Agosto de 2014

Também analisamos os estabelecimentos ou atividades que os moradores mais utilizam no bairro Cajueiro.

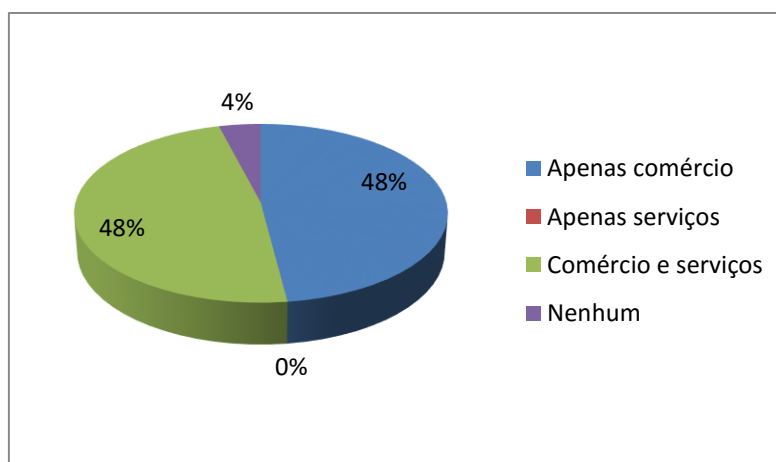


Figura 15 - Atividades mais utilizadas pelos moradores no próprio bairro

Fonte: Levantamento de campo, de Junho 2014. Elaborado por Jéssica Costa

A partir da Figura 15, é possível perceber que as atividades mais utilizadas pelos moradores no bairro são apenas comércio e comércio e serviços. Assim, entendemos que o comércio e a prestação de serviços no bairro, como os serviços médicos, são bastante utilizados. Pouquíssimas pessoas, em contrapartida, não apresentam nenhuma destas relações com o bairro.

Na Figura 16, a seguir, é possível observar que a preferência dos moradores pelo comércio do próprio bairro está relacionada à proximidade desses estabelecimentos a sua residência. A maioria dos indagados também respondeu que fazem as compras completas no centro devido a variedade de marcas, preços e outros, e consomem no comércio do bairro apenas quando é necessário, quando por algum motivo, algum produto falta em sua residência.

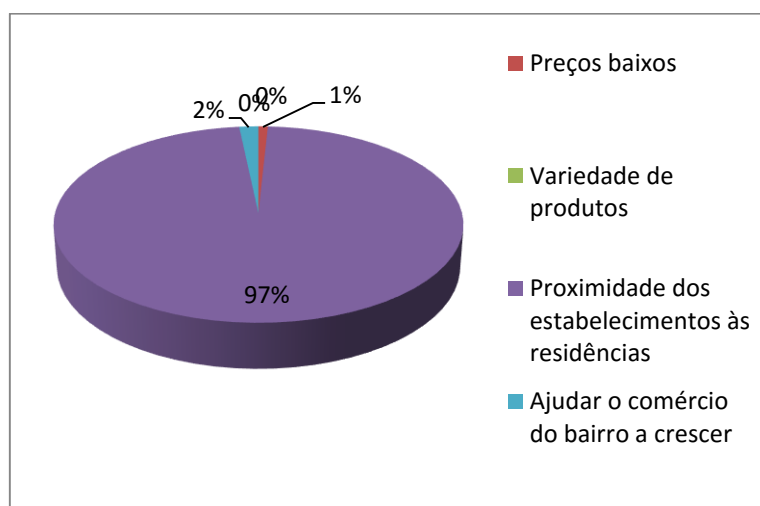


Figura 16 - Motivos que levam os moradores a comprar no próprio bairro

Fonte: Levantamento de campo Junho, 2014. Elaborado por Jéssica Costa

4.3 VISÃO DOS MORADORES ACERCA DAS MUDANÇAS OCORRIDAS NO BAIRRO CAJUEIRO

A busca por espaços para a expansão das atividades nas cidades é uma tendência nos dias atuais frente à intensificação do processo de urbanização. No caso do bairro Cajueiro, a concentração de instituições importantes para o município, bem como de casas comerciais e

de prestadores de serviço não apenas modificou as formas existentes no bairro, mas também a dinâmica econômica e social do mesmo.

Esse fato deve-se ao modelo de expansão urbana vigente que atua no sentido contrário quando se fala em urbanização. No espraiamento ou simplesmente desconcentração urbana, os fluxos, pessoas, atividades, sejam elas comerciais ou de prestação de serviços e o próprio crescimento da mancha urbana, ultrapassa os limites da cidade, alcançando assim áreas mais amplas e distantes dos tradicionais centros. Como consequência deste processo, ocorre a formação de outras centralidades nas cidades, interferindo assim na relação centro-periferia anteriormente existente.

A Figura 17, a seguir, mostra a opinião dos moradores com relação as mudanças ocorridas no bairro Cajueiro nos últimos anos.

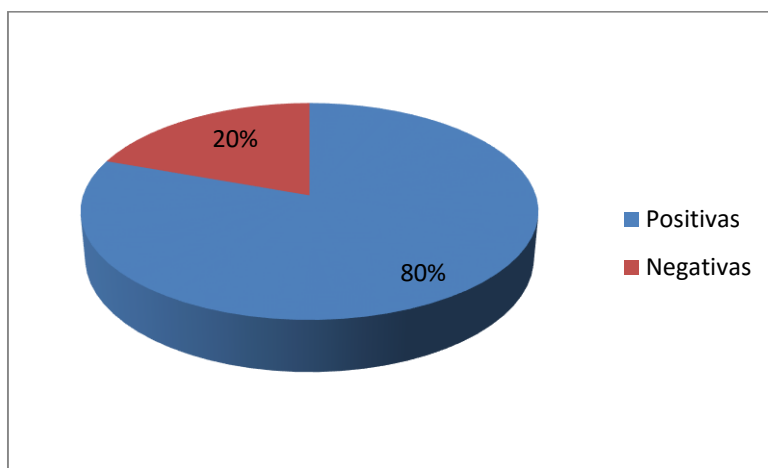


Figura 17 - Opinião dos moradores acerca das transformações ocorridas no bairro

Fonte: Levantamento de campo, Junho de 2014. Elaborado por Jéssica Costa

Através da Figura 17, é possível perceber que, a maior parte dos moradores do bairro Cajueiro entende que as mudanças ocorridas nessa localidade foram positivas. Segundo eles, o crescimento do bairro fez com que houvesse uma maior concentração e diversidade de atividades próximas às residências, favorecendo o consumo quando fosse necessário. Através da instalação de instituições importantes do município como SESC, UFRB, Secretaria de Infraestrutura, etc, houve o aumento no movimento do bairro, incentivando uma maior

valorização, o que ajudou também a diminuir o estigma de “bairro marginalizado” que possuía.

O percentual menor de moradores questionados acredita que essas mudanças foram negativas. Segundo eles, não houve uma preparação na estrutura do bairro para receber essas mudanças. O aumento na quantidade de pessoas e de veículos causou desordem no trânsito, ao passo que também aumentou a sujeira nas ruas e a poeira nas casas, já que apenas a rua do Cajueiro, dentre as ruas escolhidas para esse estudo, é calçada. Ainda informaram que a situação precária de algumas ruas não se modificou com todas essas mudanças ocorridas, sendo que, quando querem ver resultados, eles mesmos se organizam para fazer o que for necessário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Santo Antônio de Jesus, na atualidade, vem experimentando uma mudança em sua configuração espacial, acompanhada por uma demanda da modificação das centralidades previamente existentes. O processo intenso de urbanização faz com que as atividades comerciais e de prestação de serviços, antes polarizadas no centro da cidade, se expandam para diversas partes do perímetro urbano e inclusive para fora do mesmo, atingindo áreas mais distantes e com realidades ainda rurais.

O bairro Cajueiro pode ser considerado um exemplo desta situação. Esta é uma localidade periférica que, antes apresentava uma configuração bastante rural, e nos últimos anos obteve um crescimento considerável no que diz respeito não apenas a sua extensão, mas também no tocante aos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços existentes em sua área. Em concomitante a esses dois pontos, houve também um crescimento de sua população.

Alguns fatores incentivaram esta situação, como por exemplo, a instalação de algumas instituições consideradas muito importantes para o município e também para a região. Percebemos que o fato de existir um Campus da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, a Secretaria de Infraestrutura do município, um Campus do Instituto Federal da Bahia (em construção) e o SESC, agregou certa importância ao bairro, incentivando assim uma maior movimentação de pessoas e automóveis e um número maior de construções voltadas para atender a esta demanda.

Além disso, foi possível perceber que uma série de condomínios e loteamentos já foram e estão sendo registrados nesta localidade, o que nos leva a concluir que um outro tipo de população está se estabelecendo. Em meio a correria do dia a dia, as pessoas, principalmente de renda mais alta, estão buscando instalar suas moradias em lugares mais calmos e distantes do centro da cidade.

A área em estudo apresenta-se como um novo subcentro da cidade de Santo Antônio de Jesus, tendo em vista não apenas o fato de apresentar um número considerável de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, mais também, devido ao fato desses estabelecimentos serem utilizados cotidianamente pelas pessoas que ali residem.

Ainda há, sem dúvida, uma dependência muito grande da população com relação ao centro, principalmente no que se refere à preferência para compras maiores de roupas ou alimentos, devido ao preço e também a variedade de produtos e lojas. Porém, é inegável a importância do comércio local, tendo em vista que atende, mesmo que em uma escala menos ampla, as necessidades da população.

Nesse sentido, é necessário frisar que a existência de um subcentro em determinada localidade da cidade, não exclui qualquer tipo de relação existente entre as pessoas residentes nesta localidade com o centro. Isso porque, os subcentros apresentam-se como áreas que detêm estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços em uma escala muito menor que a do centro.

Ainda que, após a instalação das instituições, o crescimento em quantidade dos estabelecimentos comerciais e as melhorias em infraestrutura tenham ocorrido apenas na sua rua principal, chamada Rua do Cajueiro, percebemos que, as modificações ocorridas no espaço desta localidade foram muito bem vistas e aceitas pela maior parte das pessoas que responderam o questionário desta pesquisa.

Fica claro que o que aconteceu verdadeiramente foi o crescimento do bairro Cajueiro e não o desenvolvimento do mesmo. Esta localidade já apresentava grandes problemas relacionados à qualidade de vida dos moradores, como por exemplo, a falta de rede de esgoto e a falta de calçamento em algumas partes do mesmo. Esta realidade não se modificou com todas as mudanças ocorridas nos últimos anos. O que aconteceu foi uma melhoria da infraestrutura apenas da sua rua principal, que dá acesso às instituições de renome existentes no bairro, sem que houvesse uma preocupação em atender as antigas demandas da maioria das suas ruas.

É de responsabilidade do poder público municipal atender as demandas da população em geral, mas neste caso específico, torna-se ainda mais importante. Primeiramente porque os moradores apontaram problemas muito antigos, que mesmo sendo reivindicados não foram solucionados. O crescimento do bairro “maquiou” estes problemas, dando margem a outros, como o aumento da poluição nas ruas, a presença intensa de poeira, a poluição sonora, a grande quantidade de entulhos deixados próximos a obras, o aumento dos casos de furtos, etc.

Posteriormente, a tendência é que este crescimento se intensifique. Se não houver uma ação por parte dos dirigentes municipais, atendendo as demandas da população do bairro, os benefícios oriundos com a modificação que houve nesta localidade até o momento ficarão perdidos e sem sentido, já que a infraestrutura do bairro não se adéqua às modificações ocorridas. Sendo assim, faz-se necessário que o poder público ofereça a infraestrutura básica para que este crescimento continue ocorrendo.

Alguns elementos na própria paisagem do bairro nos faz prever que este processo irá se intensificar. É possível observar placas ao longo do bairro anunciando a venda ou troca de lotes possivelmente para construção. Existem também placas fazendo propagandas de novos condomínios na região. Alguns destes inclusive, já estão sendo construídos e para isso uma vasta área está sendo desmatada, o que vem ameaçando a flora e a fauna da região. Não podemos deixar de citar o aumento considerável de casas comerciais destinadas ao oferecimento dos mais diversos produtos e serviços em várias áreas do bairro, inclusive naquelas que ainda apresentam fortes traços rurais, atrapalhando assim a definição dos centros comerciais locais.

Consideramos que esta pesquisa atingiu os seus objetivos, no entanto, é importante ressaltar que a falta de materiais referentes ao tema produção e expansão das cidades é uma realidade que infelizmente dificulta o desenvolvimento de pesquisas na área. Percebemos portanto, que há uma necessidade de mais registros não apenas sobre este tema em si, mas também, informações sobre os bairros.

Ainda se faz necessário um aprofundamento no tema no que se refere a maiores detalhes relacionados às atividades comerciais e de prestação de serviço existentes no bairro como um todo. Isso porque apenas fizemos um levantamento dos estabelecimentos existentes na rua principal, a Rua do Cajueiro, a fim de termos uma ideia de sua quantidade e dos seus tipos. Um estudo mais detalhado sobre as atividades comerciais empreendidas no bairro apresenta-se como uma forma de não apenas ampliar a bibliografia relacionada a esta localidade, como também auxiliaria na compreensão mais ampla acerca dos aspectos econômicos do mesmo.

Outra questão interessante para estudos futuros está relacionada à intensificação deste crescimento e o aumento do número de casas comerciais, principalmente destinadas a venda de materiais de construção, nas partes um pouco menos movimentadas do bairro. Compreender como este crescimento tem incentivado a ampliação das atividades comerciais nestas localidades do bairro apresenta-se como mais uma inquietação.

Por fim, outro elemento a ser estudado é o crescente número de condomínios que estão sendo construídos nesta localidade. Compreender porque estes estão sendo construídos ali e não em outras partes da cidade, quais os impactos ambientais e principalmente sociais estas construções poderão trazer, apresentam-se também como de grande importância.

REFERÊNCIAS

AMIN, Samir. **O desenvolvimento desigual. Ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976.

BARRETO, Rogério. **O centro e a centralidade urbana – aproximações teóricas a um espaço em mutação.** Cadernos curso de doutoramento em Geografia. Portugal, 2010.

CARLOS, Ana Fani A. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana.** São Paulo: Contexto, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano.** Editora Ática, 3ª Ed. São Paulo: 1995.

_____. **O Espaço Urbano.** São Paulo: Ática, 1989.

_____. Geografia Brasileira: crise e renovação. In MOREIRA, Ruy. **Geografia: teoria e crítica. O saber em questão.** Petrópolis: Vozes, 1982. P. 115-121.

DIAS, Patrícia Chame. **Centro, centralidades e periferia: um estudo do cotidiano em duas cidades da Região Metropolitana de Salvador.** Programa de Pós-Graduação em Geografia – Doutorado. Salvador. Fevereiro, 2014. (Dissertação).

EGLER, Cláudio. A.G. **Subsídios à caracterização e tendências da rede urbana do Brasil. Configuração e dinâmica da rede urbana.** Petrópolis. Mar. 2001. Disponível em <www.lagert.igeo.ufrj.br/egler/pdfreueur.pdf>. Acesso em 04 de março 2014.

FERRARI, Junia; TONICCI, João. **INSTRUMENTOS DO ESTATUTO DA CIDADE. Módulo VII – Urbanização Compacta e Controle da Expansão.** Curso Instrumentos do Estatuto da Cidade. Ministério da Cidade, 2013.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação Urbana**. 2º Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1993.

LAGO, Luciana C. **A “periferia” metropolitana como lugar de trabalho: da cidade dormitório à cidade plena**. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

_____. **Lógica formal. Lógica dialética**. 3º Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

MELO, Cesar Ely S. de. **A Cultura Fumageira no Recôncavo Baiano e seu Legado, Cultural e Econômico nesta Região**. Publicado em 05 de junho de 2011. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-cultura-fumageira-no-reconcavo-baiano-e-seu-legado-cultural-e-economico-nesta-regiao/67945/Acesso em: 30 de novembro de 2014>>

OLIVEIRA, Francisco de. O vício da virtude. In **Revista Novos Estudos**, CEBRAP, SP, Edição 74, 1976.

PASSOS, Luciana Andrade dos, et al. Processo de expansão *versus* sustentabilidade urbana: reflexão sobre as alternativas de deslocamento na cidade de João Pessoa, PB. **Revista Brasileira de Gestão Urbana** (Brazilian Journal of Urban Management), v. 4, n. 1, p. 47-59, jan./jun. 2012.

ROCHA, Victor. **O fumo no Recôncavo Baiano e a pobreza**, 2011. Publicado em 01 de setembro de 2011. Disponível em: <<http://historia.zevaldoemaragogipe.com/2011/09/o-fumo-no-reconcavo-baiano-e-pobreza.html>> Acesso em: 30 de novembro de 2014.

RODRIGUEZ, Octavio. **Teoria do subdesenvolvimento da CEPAL**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

SANTOS, Jânio. **Centros, Subcentros e Novas centralidades na metrópole sotropolitana**. UNESP. Presidente Prudente, 2010.

SANTOS, J. L. J.; SERPA, A. **A produção espacial do comércio e dos serviços nas periferias urbanas: um estudo de caso em Salvador.** Geosp, São Paulo-SP, v. 8, p. 45-65, 2000.

SANTOS, Miguel C dos. **O dinamismo urbano e suas implicações regionais: o exemplo de Santo Antônio de Jesus, BA.** Salvador: Editora UNEB, 2002.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SERPA, Angelo. **A Paisagem Periférica.** São Paulo: Contexto, 2002.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello. **Cidades pequenas e médias: reflexões teóricas e aplicadas.** In: LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (Org). Cidades médias e pequenas. Salvador: SEI, 2010. p. 93 – 108.

SPOSITO, Maria da Encarnação B. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista de Geografia**, São Paulo, UNESP, número 10, 1991.

VALADÃO, Hélio. **Santo Antônio de Jesus, Sua Gente e Suas Origens & Biografia de Rômulo Almeida/ Hélio Valadão.** Santo Antônio de Jesus, 2005.

VIDAL, Francisco Carlos Baqueiro. **Nordeste do Brasil – atualidade de uma velha questão: vicissitudes da teoria do subdesenvolvimento regional no contexto do capitalismo contemporâneo.** Salvador: [s.n.], 2001. 327 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal da Bahia – UFBA. Escola de Administração.

VILLAÇA, Flávio José Magalhães. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Nobel, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A

MODELO DE ENTREVISTA AOS MORADORES MAIS ANTIGOS DO BAIRRO CAJUEIRO.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CAMPUS V – SANTO ANTÔNIO DE JESUS
COLEGIADO DE GEOGRAFIA

1. Qual seu nome?
2. Há quanto tempo mora no bairro?
3. Lembra-se do motivo que levou a vir morar no bairro?
4. Como era organizado naquele período?
5. Mais ou menos por volta de que ano essa região começa a se urbanizar?
6. Como tem visto as mudanças ocorridas no bairro?

APÊNDICE B

MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MORADORES DO BAIRRO CAJUEIRO.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CAMPUS V – SANTO ANTÔNIO DE JESUS
COLEGIADO DE GEOGRAFIA

A expansão de bairros periféricos: O exemplo do bairro Cajueiro em Santo Antonio de Jesus – Ba.

Pesquisadora: Jéssica Alves Guimarães Costa.

1. Qual o seu endereço? _____
2. Quantas pessoas fazem parte da família e moram neste domicílio?
() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ou mais
3. Há quanto tempo sua família vive no bairro?
() Até 5 anos () 10 anos ou mais () 15 anos ou mais
4. Com que frequência você vai ao centro da cidade?
() 1 vez na semana () 3 vezes na semana () Todos os dias () 1 vez no mês
5. Qual a sua relação com o centro da cidade hoje? Em que consiste essa dependência?
() Apenas compras () Apenas trabalho () Compras e trabalho () Nenhuma
() Outras: _____
6. Quais estabelecimentos que você frequenta no centro?

Farmácia Mercadinhos e supermercados

Bares e restaurantes Banco Lojas de roupas

Oficinas Lojas de materiais de construção

Serviços Médicos

7. E quais estabelecimentos comerciais e serviços você utiliza no bairro?

Farmácia Mercadinhos e supermercados

Bares e restaurantes Banco Lojas de roupas

Oficinas Lojas de materiais de construção

Serviços Médicos

8. Por que prefere realizar compras no bairro?

São mais próximos de casa Encontro uma variedade de produtos

Os preços são menores Outros: _____

9. Como você tem observado as transformações ocorridas no bairro?
